
“Quase todos doentes”: o discurso da doença e a prática da mendicância no Trensurb¹²

Elisiane da Silva Quevedo³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Neste trabalho analisaremos como a doença aparece no discurso e na imagem de três pedintes e vendedores do Trem Metropolitano de Porto Alegre (o Trensurb): “A mulher com câncer”, “O soro positivo” e o “O homem com as duas bolsas de colostomia”. O intento é investigar, considerando as especificidades de um espaço como o do trem, a “performance do necessitado”, que gera, entre os usuário do transporte público, empatia, compaixão e solidariedade.

PALAVRAS-CHAVE: Trensurb; mendicância; doença; empatia; solidariedade.

“A DOENÇA É A ZONA NOTURNA DA VIDA, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem têm dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos desse outro lugar.”

(Susan Sontag).

Porto Alegre concentra hoje centenas de “pobres diabos” que tentam sobreviver em meio a um desenvolvimento que não inclui a todos da mesma forma, estando muitos deles na mendicância e na marginalidade. Um dos símbolos da cidade grande é o trem

1 Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 O Trensurb é como é conhecido o trem metropolitano de Porto Alegre. Ele é chamado assim numa referência à Trensurb – Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S. A, que controla as operações do trem, o qual opera no Eixo Norte da Região Metropolitana de Porto Alegre e atende diretamente as populações dos municípios de Porto Alegre, Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo.

3 Doutoranda em Comunicação e Cultura, UFRJ, e-mail:elisianequevedo@yahoo.com.br

que liga a capital dos gaúchos a algumas cidades da região metropolitana (Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo). Ele conecta a “massa” aos seus locais de trabalho e estudo e por ele circulam multidões de pessoas todos os dias. Nesse meio de transporte, atuam os pedintes e vendedores do trem, indivíduos que percorrem ilegalmente os vagões pedindo doações ou vendendo quinquilharias aos demais passageiros, argumentando que estão enfrentando algum tipo de problema.

Os pedintes e vendedores fazem-se notar através da comunicação. Eles são a dimensão não legalizada da interação no transporte coletivo, diferente das placas de publicidade, dos anúncios em painéis e das lojas autorizadas, eles não deviam estar ali. Não compartilham algo desejável, mas a miséria alheia que o individualismo capitalista se esforça para ignorar e esconder.

Entre as duas categorias (vendedores e pedintes), há pouca diferença: os pedintes querem esmola ou um vale-transporte; os vendedores tentam repassar aos passageiros amuletos, canetas, santinhos, doces ou outros objetos de pequeno valor. Ambos apelam à solidariedade dos passageiros, demonstram estar ali por necessidade. Na verdade, os vendedores são também pedintes, imploram por colaboração, independentemente do interesse ou não do passageiro pelo seu produto.

Cada um desses “personagens do trem” desenvolve uma forma individual de apelo. Alguns, por exemplo, entregam aos passageiros papéis com frases do tipo: “É melhor pedir do que roubar”. Outros (a maioria) fazem discursos contando a tragédia pessoal que os leva a estar ali implorando ajuda. E, nessas falas, seguidamente, aparecem as doenças. O relato de enfermidades é interessante enquanto estratégia de discurso para a mendicância, porque geralmente (mas nem sempre) comove e porque faz referência a uma condição que isenta o sujeito de culpa pela própria penúria, além de justificar o fato do mendicante não conseguir um trabalho.

Mcnamer (2010), ao falar da compaixão medieval, destaca que existe uma série de gestos e ações, “uma performance de roteiros” que pode mobilizar o compadecimento. A atividade da mendicância é uma tentativa constante de despertar no outro o sentimento da compaixão. Os pedintes e vendedores do Trensurb precisam que os usuários do transporte público se coloquem em seus lugares (empatia) e que sintam pena deles e os ajudem com alguns trocados ou vale transporte.

A doença do outro, mesmo que esse outro seja um desconhecido que encontramos na rua ou no trem, costuma gerar alguma solidariedade. Ainda que seja, como coloca

Virginia Woolf, em *On being ill*, “uma solidariedade estética, a solidariedade do olhar e da imaginação, não do coração e dos nervos”, já que a experiência da doença é singular e incomunicável.

Na sequência, analisaremos a performance de 3 (três) pedintes e vendedores do Trensurb que se apresentam como doentes e sua eficiência no sentido de despertar a solidariedade dos demais usuários do transporte público. São eles: “A mulher com câncer”, “O soro positivo” e “O homem das duas bolsas de colostomia”. Esses “personagens do trem” foram observados entre os anos de 2019 e 2021.

“A mulher com câncer”

A observação aconteceu em setembro de 2019, em uma noite fria de inverno, uma quinta-feira, em torno de 19h. Entre as estações Aeroporto e Rodoviária, entra no vagão uma mulher branca, baixa, muito magra, cabelo claro comprido, bastante maltratado, amarrado com um prendedor colorido. Ela veste uma jaqueta preta de nylon, uma calça colada preta e chinelos de dedo. É possível intuir que seja pedinte antes mesmo de ela começar a falar: a magreza, os cabelos escorridos e os chinelos em uma noite gelada fazem-na destoar um pouco do passageiro comum do Trensurb. Naquele horário, o trem estava lotado, com vários passageiros em pé. Ela dirige-se ao meio do vagão e começa a sua fala, mas sem parar de caminhar entre as pessoas e, como ela possui estatura pequena, às vezes desaparece entre os outros usuários do trem. Nem tudo que ela diz é audível, porque a sua voz é baixa, e o ruído das conversas entre os passageiros é bem alto. Ela começa a sua fala:

Boa noite, senhores e senhoras, desculpa interromper a viagem de vocês. Mas eu venho aqui pedir ajuda porque eu tenho câncer [...] e estou precisando de qualquer trocadinho para poder me alimentar. Eu imploro, qualquer centavinho serve... só para eu poder comer mesmo.
(Informação verbal)

A mulher é ignorada pela maioria dos passageiros. Muitos não devem nem ter percebido a sua presença no vagão, porque ela sumia facilmente entre as muitas pessoas

e a sua voz era muito baixa. Ao perceber que não estava conseguindo doações, ela começa a suplicar, implorar, como se estivesse prestes a chorar:

Por favor, pelo amor de Deus, só para eu poder comer mesmo, por favor, por favor [...] (Informação verbal)

O lamento foi mais baixo que o discurso anterior, mas despertou a piedade das pessoas que estavam mais próximas, que se compadeceram e lhe entregaram alguns trocados. Ela recolhe os donativos e sai discretamente.

A segunda vez em que avistamos “A mulher com câncer”, já estávamos em outubro, mas ainda fazia frio em Porto Alegre. Era domingo à noite, também em torno de 19 h, e, por ser final de semana, o trem estava menos lotado do que na primeira vez que a encontramos. Ela usava a mesma jaqueta de nylon preta, mas agora vestia uma calça colada colorida e estava de tênis, bem surrado e sujo, e não usava meias. Ela vai ao centro do vagão e faz uma fala muito semelhante a que havia usado na abordagem anterior:

Boa noite, senhores e senhoras, desculpa interromper a viagem de vocês. Mas eu venho aqui pedir ajuda porque eu tenho câncer [...] e estou precisando de qualquer trocadinho para poder me alimentar. Eu imploro, qualquer centavinho serve... só para eu poder comer mesmo. (Informação Verbal)

Ela fala muito baixo e de novo, poucos a escutam, então recorre novamente ao lamento.

Por favor, pelo amor de Deus, eu não comi nada ainda hoje. É só para eu poder me alimentar [...]. (Informação verbal)

No entanto, neste dia, especificamente, no trajeto que fazíamos, desde Novo Hamburgo até Porto Alegre, já havia entrado no vagão outros pedintes, vendedores pedintes e também vendedores ambulantes. Então, muitos passageiros que estavam no trem desde o início da linha já tinham feito a sua doação. Ela entrou, como da outra vez, próximo do fim da linha, na estação Aeroporto, muitos passageiros se olharam quando

ela começou a falar... como se dissessem “Outro! De novo?! Mais um?!”. Ela suplicou bastante, choramingou, mas obteve poucos donativos. Apenas uma criança deu-lhe algumas moedas.

“A mulher com câncer” pode não ter câncer, mas certamente tem alguma doença e/ou é usuária de drogas. E essa aparência de doente e de necessitada, de alguém com poucas possibilidades de conseguir um emprego, costuma garantir sempre o recebimento de algum auxílio. Mas a quantidade da ajuda depende de outros fatores que extrapolam a compaixão que ela desperta, como o fato de terem entrado muitos pedintes e vendedores no vagão antes dela e as pessoas já terem esgotado a suas cotas de ajuda, algumas estando já incomodadas com tantas abordagens.

“O soro positivo”

Em um domingo de outubro, ainda em 2019, ao entardecer; na altura da estação Esteio, entra no vagão um homem aparentando 28 (vinte oito), 30 (trinta) anos, loiro, pele bronzeada e olhos azuis lindíssimos (numa tonalidade rara de se encontrar no Rio Grande do Sul e no Brasil, comum em algumas regiões de Santa Catarina). O rapaz veste uma bermuda cinza suja, que deixa à mostra as suas pernas cheias de feridas, e uma camisa de manga curta e um chinelo de dedo bem surrado. Aparenta ser usuário de drogas e carrega um cartaz de papelão enorme escrito “Fome Ajuda”.

Ele cumprimenta a todos:

Boa tarde, pessoal! Eu gostaria de um minutinho da atenção de todos. Eu estou passando fome, eu sou soro positivo e não consigo arranjar trabalho, não tenho o que comer. Hoje eu ainda não coloquei nada no estômago. Quem puder me ajudar com qualquer valor. (Informação verbal)

Poucas pessoas parecem sensibilizar-se com o drama do rapaz; a maioria o ignora, evitando olhar na sua direção, enquanto ele pede ajuda.

Então ele continua:

Eu tenho família para ajudar também. Eu moro com a minha irmã, ela tem filho. Eu preciso ajudar em casa [...]. Obrigada pela atenção, quem puder aí me dar uma ajuda. (Informação verbal)

Naquela tarde/noite, ele foi o sujeito mais maltrapilho que estive no vagão do trem em que estávamos. Ele ainda passou pelas pessoas pedindo ajuda. “Uma ajuda?” E todos (muitos já tinham doado para os pedintes que vieram antes dele) negaram.

O rapaz que se diz “soro positivo” tem aparência de alguém doente e pode mesmo ser soro positivo. Mas por que ele não conseguiu ganhar a empatia dos usuários do transporte público e saiu do vagão sem nenhuma doação? O problema são as outras leituras que a sua imagem suscita e a fragilidade do seu discurso de necessitado. Com aqueles olhos azuis raros e com o corpo bastante debilitado, a sensação que ele passa é a de um rapaz bem nascido que “se perdeu” para as drogas. Ou seja, ele não aparenta ser vítima de uma doença, da pobreza, da má sorte, mas alguém que “cavou” a própria desgraça, o que gera pouca compaixão e desestimula a solidariedade.

Além disso, quando ele percebe que não vai receber doações, invoca o fato de precisar ajudar a irmã, que é um argumento fraco, porque a maioria dos pedintes e vendedores do Trensurb apela ao fato de terem família, filhos, mulher, pais. Ter que ajudar a irmã não envolve um laço tão forte de responsabilidade, como filhos pequenos, por exemplo, gerando pouca empatia.

“O homem das duas bolsas de colostomia”

Janeiro de 2021, quinta-feira, em torno do meio-dia. O trem era daqueles sem vagões, e o homem vinha repetindo a sua fala em cada segmento da composição. Era um homem que aparentava ter em torno de 45 (quarenta e cinco) anos, alto, cabelo levemente grisalho, moreno claro, bigode e barba por fazer. Vestia um tênis branco já gasto e manchado, uma calça de abrigo preta e uma camisa de time de futebol listrada de vermelho e preto e máscara preta. O homem caminha com uma bengala preta em uma mão e uma caixinha de bala de goma na outra, acompanhado de uma menina, aparentando ter entre 8 (oito) e 10 (dez) anos, branca, cabelo castanho liso e cumprido, que vestia um shortinho muito curto, preto, blusa azul e chinelinho de dedo rosa e carregava uma

bolsinha rosa. Embora com vestes simples, a menina tinha aparência de criança muito bem cuidada. Ela andava sempre na frente do homem.

Com voz alta e bem articulada, a fala do homem era a seguinte:

Boa tarde, pessoal! Eu me chamo Cláudio. Infelizmente, eu não sou aposentado. Eu uso duas bolsas de colostomia. Sou cego do olho direito. Tenho dois pinos na perna esquerda, meu pé esquerdo ele não mexe. Eu não estou pedindo nada para ninguém, eu estou trabalhando, tentando tirar o sustento da minha família, vendendo bala de goma, a 1 (um) real a unidade. Então, quem puder me dar uma força, eu agradeço. Muito obrigado a todos! (Informação verbal)

Próximo à parte do trem em que estávamos (que era já no final da composição), algumas pessoas o ajudaram. A maioria entregava algumas moedas, mas recusava o doce. Mas teve uma mulher que pegou uma bala de goma e guardou na bolsa.

Antes de sair do vagão o homem falou:

Pessoal, eu gosto sempre de mostrar para pessoas que eu não estou mentindo, que eu não estou inventando. (Informação verbal)

Levantou a blusa e mostrou as duas bolsas de colostomia que carregava na barriga. Logo em seguida, deixou a composição, acompanhado da menina.

Na tarde do dia 11 (onze) de fevereiro de 2021, encontramos novamente o Cláudio, agora sem a menina. Dessa vez, vestia bermuda azul e branca e uma camisa de futebol azul. Estava com duas muletas e uma sacola com bala de goma.

Seu discurso foi basicamente o mesmo da outra vez:

Boa tarde, pessoal. Eu me chamo Cláudio. Acho que muita gente já me conhece. Eu trabalho vendendo bala de goma porque tenho família para sustentar. Eu sempre gosto de mostrar, porque, às vezes, as pessoas não acreditam. Eu uso duas bolsas de colostomia [mostra as duas bolsas], sou cego do olho direito, tenho um pino no pé esquerdo e não sou aposentado. Então, pessoal, quem puder me ajudar comprando

um pacotinho de bala de goma a 1 (um) real ou quiser me ajudar com algum valor. Eu agradeço. Muito obrigado a todos e tenham todos uma boa viagem! (Informação verbal)

Cláudio fala bem e tem boa aparência, apesar dos problemas de saúde. Conseguiu vender bastante balas de gomas e também recebeu doações sem precisar entregar as balas.

Ele é vendedor pedinte, o que permite que ele se apresente como um trabalhador e não como um pedinte (como “A mulher com câncer” e “O soro positivo”), embora, na prática, ele esteja pedindo para pessoas o ajudarem. Mas, de modo geral, os vendedores pedintes são mais bem sucedidos no “mercado da mendicância” justamente porque se dizem trabalhadores. O homem fala muito bem, é bem articulado, consegue se fazer ouvir por muitas pessoas, o que também é um ponto positivo da sua “performance de necessitado”.

Quando aquele homem, relativamente de boa aparência, fala que tem tantos problemas de saúde e que deveria estar aposentado, desconfia-se de que possa ser um exagero para atrair doações. Mas aí se percebe que ele usa bengala, que caminha com certa dificuldade. E isso, somado ao seu discurso convincente e muito bem proferido, desperta a solidariedade do usuário do transporte público.

O ponto alto da sua intervenção no vagão do trem é quando ele mostra as duas bolsas de colostomia para os passageiros. E ele só mostra durante o discurso ou depois que já recebeu as doações. Se mostrasse antes de falar ou as deixasse à mostra o tempo todo, usando uma camisa aberta ao invés da camiseta que cobre as bolsas, talvez chocasse demais e afastasse alguns doadores.

Nós só avistamos este homem duas vezes, mas acreditamos que seja presença frequente no transporte público. O fato de mostrar as bolsas da forma como faz comprova o seu discurso e garante a compaixão futura. Pessoas que já doaram algum valor ou compraram alguma bala continuarão a fazer, se outra vez o encontrarem, porque a razão do seu infortúnio está muito bem justificada. Pelo mesmo motivo, pessoas que não puderam contribuir naquele momento talvez o façam em uma próxima vez que o encontrarem.

A sua “performance da mendicância” é muito bem realizada, porque não garante apenas o recebimento de recursos naquele momento, mas garante que ele, mesmo se

tornando conhecido dos usuários frequentes do trem, possa continuar recebendo ajuda e até ampliar o seu recebimento de recursos.

Segundo Peters (2000), a principal questão da teoria da comunicação do século XX (uma questão filosófica, moral e política) envolve a abrangência e a profundidade que nossa empatia pelo outro pode alcançar. No transporte público, mais especificamente no Trensurb, a empatia com os mendicantes está muito mais ligada à forma como a abordagem é feita, a estratégia do mendicante, do que propriamente a exibição dos signos da doença e da pobreza.

Os encontros entre desconhecidos que o transporte público suscita são encontros passageiros e superficiais. Os relatos dos pedintes e vendedores pedintes são relatos desprovidos de profundidade. É como se os problemas de vida do sujeito se tornassem um produto a ser vendido aos passageiros. E como ninguém conhece a fundo o produto, vende o vendedor que faz a melhor propaganda. Nesse “mercado da mendicância”, as pessoas não distinguem tanto histórias tristes (envolvendo doenças, desemprego, fomes), mas se identificam com narrativas minimamente coerentes.

Como coloca Leslie Jamison (2014), em *The empathy exams*, a empatia é uma escolha, “não é algo que nos acontece – uma chuva de meteoros de sinapses disparando pelo cérebro, é também uma escolha que fazemos: prestar atenção, dar o máximo de nós mesmos. É feita de empenho, esse primo mais desalinhado do impulso.” No Trensurb, muitas pessoas optam por não ser empáticas e ignorar os apelos de pedintes e vendedores pedintes, muitas, inclusive, denunciam à Trensurb a presença desses sujeitos nos vagões do trem. No entanto, mesmo entre as almas mais solidárias, diante da quantidade crescente de pedintes e vendedores que encontramos no trem e na cidade de Porto Alegre e nas capitais brasileiras como um todo, não é possível compadecer-se de todos e oferecer a todos algumas moedas. Ajudam-se, então, alguns; ignoram-se outros.

Mulheres doentes e aparentando algum transtorno psíquico, como é o caso da “mulher com câncer”, normalmente conseguem alguma ajuda. Mesmo a abordagem dela sendo ruim, alguém sempre se compadece. Mulheres com crianças, mulheres que dizem ter filhos doentes ou que se apresentam como chefes de família também costumam atrair doações. Contudo, no Trensurb, pessoas muito degradadas, seja por doenças e/ou pela miséria, chocam mais do que atraem ajuda. O que é, de certo modo, o caso do rapaz “soro positivo”. E, acrescenta-se, no caso dele, especificamente, o fato de parecer ser usuário de drogas e, portanto, o responsável pela sua desgraça.

O mendicante doente, sujo, fedido, com as vestes rasgadas e feridas expostas, é como “O Leproso” de Miguel Torga, um incômodo, alguém que as pessoas querem evitar chegar perto, menos ainda tocar as suas mãos imundas para fazer uma doação. A aversão afugenta a compaixão, e este tipo de indivíduo costuma receber poucas doações quando esmola no ambiente limpo e organizado do trem.

Os mendicantes bem-sucedidos no Trensurb são como “O homem das duas bolsas de colostomia”, um vendedor pedinte, um sujeito limpo e bem articulado, com oratória clara, bem pronunciada e audível. A doença, nesses casos, enriquece e legitima a narrativa. Mas o que gera a compaixão não é a doença, mas o modo como a intervenção é feita, o modo como o sujeito necessitado esteticiza sua própria tragédia.

Virginia Woolf (2012), em *On being ill*, lembra-nos o fato da doença ser uma experiência incomunicável. Por mais que alguém diga que tem câncer, HIV, que é cego ou usa duas bolsas de colostomia, a experiência de ter essas condições é bastante pessoal e expõe as limitações do discurso. Em se tratando de mendicantes que se dizem doentes, sempre existem dúvidas: Será que a história narrada é verdadeira? Será que eles têm as doenças que dizem ter? Ou as estão inventando para conseguir dinheiro? No caso particular dos pedintes e vendedores do Trensurb, os passageiros se compadecem por uma narrativa bem realizada, preferencialmente comprovável, e por um pedinte ou vendedor cuja fala condiz com a sua “boa” imagem.

“Quase todos doentes”

Os mendicantes que ocupam nossas cidades e o transporte público, segundo Sales (2005, p. 37), “não são vistos como nossos semelhantes, antes como homens e mulheres de qualidade inferior, uma subumanidade, ligeiramente bichos.” O encontro com essas pessoas – e não necessariamente a existência delas – nos incomoda justamente porque a presença delas denuncia a sua condição de miseráveis e somos forçados a nos defrontar com a nossa própria falta de sensibilidade.

Stofels (1977) pontua que a mendicância é produto de três formas de exclusão: a econômica, quando o indivíduo não desenvolve a capacidade de inserir-se no sistema produtivo; a sociopolítica, que percebe o ato de pedir como um desvio passível de sofrer represálias; e a exclusão psicossocial, que visualiza os mendicantes como doentes mentais, sujeitos anormais e inúteis. Desse modo, como afirma Sales (2005, p. 38), “os

mendigos ‘desintegram-se’ do corpo social, vivendo parasitalmente em suas fronteiras”. Esta é a maneira perversa e desumana que o sistema capitalista, que países ditos democráticos operam para manter sua liberdade econômica e sua ordem interna, expurgando uma massa humana de homens e mulheres considerada inconveniente e imprestável.

No entanto, Sales (2005) adverte que não se pode associar o fenômeno da mendicância somente às questões macroestruturais da sociedade, mas se faz necessário conjugá-las à dinâmica existencial, a uma ordem pessoal, que em alguns poucos casos, não estará ligada à falta de recursos e desemprego, mas a uma dada visão do mundo e da sociedade, a questões pessoais ou morais. Em outras palavras, não apenas o desemprego, a exclusão, a pobreza e as doenças levam um sujeito a esmolar – há outros fatores, inclusive senso de oportunidade –, mas, de modo geral, estes são mesmos os fatores que mais justificam uma presença cada vez maior de mendigos em nossas cidades.

Nesse sentido, Salles (2005) destaca que a prática da mendicância surge a partir de uma ruptura nas condições de vida do indivíduo. A natureza dessa ruptura é complexa e pode acontecer por diversas razões: desemprego, miséria, fome, catástrofe, problemas familiares, doenças, uso de drogas e escolha pessoal. Há também indivíduos que se frustram com o trabalho útil mal remunerado e veem a mendicidade como oportunidade, passando a considerar a prática do pedido como equivalente ao trabalho legitimado.

O esmoleiro, afirma o autor, é um sujeito que está na contramão do atual sistema socioeconômico e por isso é estigmatizado pela sociedade. “A oposição mendigo x trabalhador introduz a oposição entre o justo e o injusto, o moral e o imoral”. (SALLES, 2005, p. 31). Existe uma separação entre trabalhador e não trabalhador, sujeitos ociosos, mendigos, e ladrões são estigmatizados e considerados a escória social. Em nosso mundo capitalista, cuja retórica valoriza o esforço individual, a capacidade de conquistar coisas (diplomas, bens, viagens) por conta própria, sem precisar pedir ajuda para ninguém e sem depender de qualquer benefício do governo, o discurso do trabalhador é extremamente valorizado e se opõe radicalmente à ideia do sujeito ocioso, vagabundo, bandido, etc. Há um consenso social de que “o trabalho dignifica o homem”. O que, como já mencionamos, possivelmente justifica uma presença, cada vez mais frequente e facilmente constatável, na grande Porto Alegre e no Trensurb, dos vendedores pedintes. Eles, como é o caso do “homem com as duas bolsas de colostomia”, oferecem algum produto de pequeno valor

e esmolam como se estivessem trabalhando, livrando-se, por este artifício, do estigma de vadios.

Stoffels (1977, apud SALLES, 2005) caracteriza três tipos de mendicantes: o profissional, o ocasional e o vadio. Entre eles há distinções marcantes no desempenho, nas origens dos indivíduos, nos gostos pessoais e nos planos para o futuro. Os mendigos profissionais são indivíduos que se utilizam da mendicância como se fosse um trabalho normalmente realizado em pontos fixos do tecido urbano. Deslocam-se diariamente aos seus pontos como se deslocassem para uma empresa, com a diferença de que não há patrão carrasco e nem salário certo, sendo possível receber uma renda média acima do salário-mínimo nacional. São pessoas que se utilizam da mendicância como uma estratégia capaz de oferecer-lhes um sustento já negado no espaço do trabalho formal. A maior parte dos vendedores pedintes se enquadra nessa categoria; a maioria dos pedintes do Trensurb se encaixa nessa categoria, especialmente os vendedores pedintes. “São indivíduos bem socializados e com uma prática bem resolvida, altamente organizados na mendicância, e muitos não possuem projetos para sair da mendicância.” (SALLES, 2005, p. 21).

Os mendigos vadios, conforme destaca Stoffels (1977, apud Salles, 2005), são a essência da “vida de mendigo”, os resíduos da mendicância. Eles normalmente não possuem um ponto fixo, deslocam-se constantemente por uma dada região da cidade, sem permanecerem muito tempo nesses locais. Fazem parte dessa categoria o “mendigo ideológico”, geralmente morador de rua cuja vida não é vivida somente em esquinas pedindo ajuda, mas em caminhar entre teias do tecido urbano e até para além dele, em andanças ininterruptas, a localizar abrigo para dormir, lugar para comer, espaços para o descanso e para a diversão. Na grande Porto Alegre, esse tipo de mendicante raramente é encontrado no transporte público, estando mais presentes em viadutos e marquises.

É importante frisar que a maioria dos mendigos não é morador de rua, assim como nem todo morador de rua é mendigo. Os mendigos ocasionais, conforme Stoffels (1977, apud SALLES, 2005), são os indivíduos que se utilizam da mendicidade de maneira eventual, dependendo das condições imediatas de miserabilidade em que se encontram. São pessoas em trânsito por entre cidades e/ou à procura de trabalho que optam por pedir esmolas dentro de ônibus, no trem, na rodoviária, na porta das casas. Normalmente, possuem trabalho ou estão em busca de trabalho, sendo a mendicância somente uma forma complementar de sustento.

Segundo Oenning (2015), que escreve a respeito das “performances de rua”, para ser um bom pedinte, um bom vendedor pedinte é necessário ingressar num universo de regras, normas, códigos, gestos, movimentos e expressões, que vai sendo aprendido e que auxilia na venda ou na arrecadação da esmola. Salles (2005) sublinha que a arte da mendicância é difícil e como tal exige conhecimento. É a aprendizagem de uma espécie de arte performática que possibilita aos mendicantes, por exemplo, conseguir “roubar” o olhar dos pedestres ou passageiros no caso do transporte público. Para tornar-se um mendicante, deve-se ingressar em uma “escola da mendicância”, aprender os códigos para o desempenho da função, além de gestos e expressões próprias para a “performance do necessitado”. O objetivo é sempre sensibilizar, obter atenção, chamar ao contato tantas almas caridosas quanto for possível e obter ajuda em alimentos ou dinheiro (no caso do transporte público dinheiro ou vale transporte). As doações recebidas normalmente são pequenas, mas no acumulado sustentam e viabilizam a subsistência diária.

Independentemente de estarem doentes ou não, os mendicantes, especialmente os mendicantes mais degradados, que estão sujos e cheiram mal, são vistos como “os lázaros” de Olavo Bilac, ou seja, não deveriam estar nas ruas ou no transporte público. A sociedade, de modo geral, não quer chegar perto dessas pessoas. O cheiro, a sujeira, o corpo vivo em putrefação, as deficiências mentais e físicas chocantes causam asco em muitas pessoas que pregam a empatia e o amor ao próximo e que se dizem solidárias e que talvez sejam, de fato, solidárias.

Era um lázaro. Era um homem a quem a enfermidade hedionda impunha a dolorosa obrigação de poupar ao resto dos homens a infecção do contacto do seu corpo apodrecido, e forçava a transformar-se num selvagem, habitando, como o Caliban da epopéia shakespereana, uma caverna rude, no seio da Natureza piedosa. (BILAC, 1929, p.75)

Existe, inclusive, quem proponha “limpar” a cidade, esconder os mendigos, trancafiá-los em alguma instituição, talvez exterminá-los. Alguns setores reacionários da nossa sociedade têm ojeriza a pobres e mantêm uma atitude xenofóbica com os moradores de rua e mendicantes de modo geral, tramando para que se forje uma atitude de conflito, o que, não raramente, culmina em assassinatos.

Um espaço como o do Trensurb – controlado, apesar de público e de livre acesso – exclui mendicantes que estão em um estado muito acentuado de indigência. Na maioria das vezes, eles não passam sequer pela segurança. Quando conseguem ter acesso ao

transporte público e conseguem abordar as pessoas, acabam preteridos pelos próprios passageiros. O que, de certa forma, aconteceu com o “rapaz soro positivo”, embora, como mencionamos, ele possuísse outros agravantes que afugentavam, digamos assim, a compaixão.

Os medicantes profissionais que, com ou sem balas de goma ou balas de hortelã, comercializam a própria tragédia também não são bem-vistos, causam desconforto e também estão atuando ilegalmente no transporte público, mas, por andarem limpos e relativamente bem-vestidos, passam despercebidos pelos seguranças. E, por se comunicarem melhor, por interagirem melhor com as pessoas, despertam mais empatia, atraem mais doações. Diante do aumento significativo da mendicância na grande Porto Alegre, o Trensurb se solidariza com “a nata dos despossuídos”, os mendigos profissionais e altamente inseridos na prática. As suas doenças, as suas enfermidades, os problemas pessoais, “enfeitam” narrativas, mas não espantam os sentidos dos companheiros de viagem. Aos mendicantes extremamente vulneráveis, mais desumanizados, indigentes com uma fala mal articulada, restam as lixeiras e outros espaços mais inóspitos da cidade.

REFERÊNCIAS

BILAC, Olavo. **Lázaros**. In: Boletim da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa Contra a Lepra. São Paulo: Anno I, nº 3, 30 de junho de 1929.

JAMISON, Leslie. **Lessons in Empathy: The Empathy Exams**. 2014, Graywolf Press, Minneapolis, MN., 2014.

MCNAMER, Sarah. **Affective meditation and the invention of medieval compassion**. University of Pennsylvania Press, 2010.

PETERS, John Durham. **Speaking into the Air: a History of the Idea of Communication**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

SALES, Davy Batista de. **Estratégias de sobrevivência e práticas alimentares no meio das ruas. Um estudo sobre sociabilidade e alimentação entre mendigos na cidade do Recife/PE**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE, 2005.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TORGA, Miguel. **O leproso**. Novos Contos da Montanha. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.

WOOLF, Virginia. **On being ill with notes from sick room**. Ashfield: Paris Press, 2012.